

anos
tombamento
do acervo

DOSSIÊ
GOIÂNIA



anos
fundação
da cidade

REVISTA NÓS

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS
VOL. 08, Nº 1, 1º SEMESTRE DE 2023

ISSN 2448-1793

A IMPORTÂNCIA DE CAMPININHA DAS FLORES NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE GOIÂNIA

*THE IMPORTANCE OF CAMPININHA DAS FLORES IN THE CONSTRUCTION
OF GOIÂNIA'S URBAN SPACE*

<https://doi.org/10.5281/zenodo.10732837>
Envio: 05/12/2023 ♦ Aceite: 18/12/2023



Alexandre Ribeiro Gonçalves

Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás, arquiteto formado pela PUC-GO, professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás e diretor do curso de Arquitetura e Urbanismo Universidade Evangélica de Goiás. alexrgon@gmail.com



Detalhe do Teatro Goiânia, Setor Central, Goiânia
Foto: Diadorim João Da Silva Viegas, 2023

RESUMO: A política centralizadora de Pedro Ludovico exerceu grande influência na formação do espaço urbano de Goiânia, até a queda do Estado Novo. Nesse período, a cidade foi construída com o maior cuidado e atenção por um governo que não mediu esforços em associar a imagem da nova capital à modernidade. A modernidade possível que planejou a cidade foi o paradigma das incertezas, das oposições e dos desafios. Nessa perspectiva, a importância do Setor Campinas, a “Campininha das Flores”, é muitas vezes relegado a segundo plano. A antiga cidade representou um marco inicial na construção de Goiânia, servindo como berço físico para o seu surgimento. É ao mesmo tempo história e memória dos primeiros acontecimentos. Ao mesmo tempo em que serviu de suporte para o crescimento da nova capital, talvez seja o melhor exemplo desta tentativa de adesão à modernidade que caracterizou a década de 1930.

PALAVRAS-CHAVE: Setor Campinas, Campininha das Flores, história urbana, Goiânia, memória urbana.

ABSTRACT: Pedro Ludovico's centralizing policy had a major influence on the formation of Goiânia's urban space until the fall of the Estado Novo. During this period, the city was built with the utmost care and attention by a government that spared no effort in associating the image of the new capital with modernity. The possible modernity that planned the city was the paradigm of uncertainties, oppositions and challenges. From this perspective, the importance of the Campinas Sector, the "Campininha das Flores", is often relegated to the background. The old town represented an initial milestone in the construction of Goiânia, serving as the physical cradle for its emergence. It is both history and memory of the first events. At the same time as it served as a support for the growth of the new capital, it is perhaps the best example of this attempt to embrace the modernity that characterized the 1930s.

KEYWORDS: Campinas, Campininha das Flores, urban history, Goiânia, urban memory.

A formação do espaço urbano de Goiânia

A política centralizadora de Pedro Ludovico Teixeira exerceu grande influência na formação do espaço urbano de Goiânia, até a queda do Estado Novo. Nesse período, a cidade cresceu sob o amparo direto do Estado. Foi construída com o maior cuidado e atenção possíveis por um governo que não mediu esforços em associar a imagem da cidade à modernidade. Na verdade, Goiânia foi a melhor estratégia encontrada pelo Interventor Federal para manter-se à frente do poder e, ao mesmo tempo, vincular-se aos ideais da Marcha para o Oeste. Natural, assim, que dedicasse a melhor das energias na sua construção. Goiânia representou o símbolo da mudança do poder, verdadeiro ícone de uma nova era, já que se colocava em oposição à imagem de atraso comumente atribuída a Goiás nessa época.

Necessário, portanto, que a sua construção se apoiasse nos princípios do urbanismo moderno e que fosse projetada por um nome de prestígio. O Plano de Urbanização de Goiânia, que sintetizou as ideias de Atílio Corrêa Lima e da equipe de técnicos da Construtora Coimbra Bueno e da Superintendência Geral de Obras, foi resultado desta circunstância. A modernidade possível que planejou a cidade foi o paradigma das incertezas, das oposições e dos desafios. Os primeiros edifícios construídos tentaram materializar estes anseios, ao assumirem determinadas tipologias onde se podem perceber influências de diversas modernidades.

Nessa perspectiva, a importância do povoado de Campinas, também conhecido como *Campininha das Flores*, é muitas vezes relegada a segundo plano no contexto da história urbana de Goiânia. A antiga cidade, que veio a se transformar em bairro da nova capital, o Setor Campinas, representou um marco inicial na construção de Goiânia, servindo como berço físico para o seu surgimento. É ao mesmo tempo história e memória dos primeiros acontecimentos. Simboliza o registro vivo do tempo, das mudanças e transformações, das construções que foram se justapondo, criando e recriando o tecido urbano.

Ao mesmo tempo em que serviu de suporte para o crescimento da nova capital, foi influenciada pela sua modernidade possível, inserindo-se em uma nova conjuntura temporal. É neste sentido que nos interessa analisá-la, percebendo como se transformou, adequando-se a Goiânia através de um novo surto de urbanização e da remodelação da aparência dos seus edifícios. Campinas talvez seja o melhor exemplo desta tentativa de adesão à modernidade que caracterizou a década de 1930.

Campininha das Flores

A partir dos conceitos de Bresciani (1999), podemos afirmar que existem superpostas várias Campinas em uma só. Existe o povoado do início do século XIX, como também existe a cidade do final do século XIX e início do século XX, que absorveu as transformações de modernidade trazidas pelos trilhos da estrada de ferro e pelos padres redentoristas, além da cidade do final da década

de 1930 e início dos anos 40, que foi se adequando e se transformando junto com o surgimento de Goiânia.

A cidade surgiu a partir dos viajantes que cruzavam a região na primeira metade do século XIX, nas idas e vindas a outras partes do estado, ou ainda na perseguição incansável das minas de ouro, que desde o século XVII permeavam o imaginário do Eldorado nos sertões de Goiás. Sobre a data de sua fundação, uma das fontes mais seguras¹ é o relato de Henrique Silva, publicado primeiramente na *Revista Brasil Ilustrado*, em 1887, e depois na revista *A informação Goyana*, do qual era o diretor, em 1926. Segundo Silva, Campinas nasceu às margens do Córrego Cascavel em 1810, fundada por Joaquim Gomes da Silva Gerais (A INFORMAÇÃO GOYANA, 1926, p. 81).

Em 1824, o povoado era habitado por apenas onze casas e uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição, erguida pelo fundador do povoado (CAMPOS, 1985, p. 16). Sua localização era estratégica, ligando, por meio da estrada, aquela região de terras férteis à antiga capital e servindo de parada obrigatória a todos os viajantes que vinham de Minas em direção à cidade de Goiás. Foi elevada à condição de capela curada em 1836 e à de freguesia em 1838², o que na verdade só veio a se efetivar em 1845 (CAMPOS, 1985, p. 17). Passou a se chamar Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas, ou ainda, *Campininha das Flores*, como era mais conhecida entre a população.

Relatos de 1894 demonstram haver apenas “30 casas pobres e mal construídas e a igreja, completamente descuidada” (CAMPOS, 1985, p. 17). Mas o povoado não deixou de crescer, apesar destas opiniões nada otimistas. No final de 1894, os padres redentoristas chegaram à região, oriundos do Sul da Alemanha³, dando início a uma fase de maiores transformações no povoado. Em 1907, Campinas tornou-se vila, separando-se de Bela Vista, e em 1914 foi elevada à condição de cidade. Os padres redentoristas fixaram residência além da margem do Cascavel, construindo em 1895 um convento e uma capela onde hoje se localiza a Vila São José (NEY, 1975, p. 13). Recorrendo a Itanay Campos, encontramos o relato do padre João Ribeiro, enumerando os benefícios trazidos com a chegada dos religiosos:

- 1) A casa dos padres que era parada obrigatória a todos aqueles que demandavam à capital ou o sul do Estado; 2) Construíram a nova Matriz, uma das mais majestosas do estado em 1900 e 2º cemitério; 3) Instalaram a primeira usina elétrica em Campininhas em 1921; 4) Editaram o primeiro jornal, também em 1921; 5) Promoveram a fundação do colégio Santa Clara pelas Irmãs Franciscanas

- alemãs (1922); 6) Introduziram a primeira motocicleta em Campinas (1922) e possivelmente em Goiás; 7) Instalaram o primeiro telefone do Estado entre Campinas e Trindade (1924) a 100 réis a telefonada; 8) Introduziram a segunda bicicleta em Campininhas; 9) Instalaram o primeiro relógio de torre de Igreja. (CAMPOS, 1985, p. 30)

Na década de 1920, as mudanças começaram a se processar no ritmo e na velocidade que o trem e o automóvel introduziram na região. Para se chegar à capital do Estado, vindo de Minas, necessariamente se passava por Campinas. A partir de 1921, o trecho entre Roncador⁴ e Itaberaí começou a contar com uma linha da Auto Viação Goiana, ligando Santa Cruz, Bela Vista, Campinas e Inhumas a Itaberaí.

Até então, todas as construções da cidade eram erguidas em técnica rudimentar, feitas de taipa ou adobe. Em 1920, Licardino de Oliveira Ney construiu o primeiro edifício em alvenaria da cidade, o que foi considerado uma verdadeira inovação tecnológica. Era uma residência localizada num local ermo e afastado, onde “só havia campo e ponto de pouso para os tropeiros que ali pousavam, conduzindo cargas para a velha capital”. Foi nesse lugar que o próprio Licardino, então prefeito da cidade, construiu a Praça Joaquim Lúcio no início da década de 1930 (NEY, 1975, p. 21).

Oliveira Ney era genro do coronel Joaquim Lúcio, uma espécie de patriarca e dono de fazendas na região. De espírito empreendedor, introduziu na cidade a primeira bicicleta, o primeiro telefone à manivela e a primeira máquina de escrever, entre 1912 e 1914. Elegeu-se intendente de Campinas em 1921, exercendo o cargo até 1923. Em 1926, montou o primeiro posto de gasolina, da firma *Standard Oil Company of Brazil*, e em 1928 trouxe o telégrafo para a cidade. Foi nomeado prefeito do município por Pedro Ludovico em 1931, permanecendo no cargo até a sua extinção em 1935. Durante sua administração, Campinas passou por um surto de urbanização. A escolha do município para sediar a futura capital do Estado⁵, o espírito empreendedor do prefeito e a introdução de certos ares da modernidade conferiram à cidade um progresso jamais visto, tomando um novo impulso.

A pacata cidadezinha considerada “o lugar mais insignificante do sul de Goiás”⁶, finalmente passava para a história. As predições que diziam ser “localidade de próspero futuro”⁷ acabaram por concretizar-se. A Lei 327, de 2 de agosto de 1935, criou o município de Goiânia, transformando a velha “Campininha” em

¹ Algumas fontes preferem o ano de 1816 como data para a fundação do povoado de Campinas. Entretanto, a maioria dos historiadores concorda que 1810 é a data mais provável.

² O Decreto 27, da Assembleia Legislativa, de 18 de agosto de 1838, elevou “a Capella Curada de N. S. da Conceição de Campinas à Freguesia de natureza collativa”. Arquivo Histórico do Estado, Caixa Arquivo Campinas.

³ O maior motivo da vinda dos religiosos alemães foi a necessidade de a Igreja Católica organizar e dirigir a festa popular e a romaria em louvor à Santíssima Trindade. O local, denominado “Barro Preto”, foi elevado à condição de distrito subordinado a Campinas em 1909 e emancipado em 1920. Trindade ficou com as terras mais férteis que Campinas possuía.

⁴ Roncador era a última estação da ferrovia. A partir daí, os viajantes tinham de fazer o percurso por estrada de terra.

⁵ Com o Decreto 3.359, de 19 de maio de 1933, Pedro Ludovico oficializou a escolha de Campinas e determinou o sítio onde deveria ser construída a nova capital. Além de Campinas, os municípios de Bonfim (atual Silvânia), Pires do Rio e Ubatam pleitearam o mesmo direito.

⁶ Relato do viajante Oscar Leal, de julho de 1890 (CAMPOS, 1985, p. 18).

⁷ Idem, p. 18.

bairro da nova capital. No seu relatório de 10 de janeiro de 1935, Attílio Corrêa Lima apontava esta onda de progresso por que passava a antiga cidade:

Campinas, pela sua proximidade do local escolhido, viu dentro do perímetro urbano, em poucos meses, duplicar o número de casas! Fato extraordinário, em vista de ter sido nulo o aumento das construções nessa cidade em período anterior, de 50 anos. São dignos de nota também os serviços de obras públicas urbanas, como sejam meios-fios, coretos, jardins, etc., dantes inteiramente desconhecidos. Esta cidade que vegetava com sua vida rudimentar em torno da Igreja, no período anterior à idéia da mudança da capital, atualmente, com a intensificação do tráfego para Leopoldo de Bulhões, ponta da linha de estrada de ferro, desenvolve-se vertiginosamente, criando um imenso tentáculo que busca atingir a cidade em construção. E a distância que as separa, de apenas cinco quilômetros, em breve será vencida. (MONTEIRO, 1938, p. 137)

Tal verificação de Attílio também pode ser constatada na palestra que Venerando de Freitas Borges, então prefeito de Goiânia, proferiu na Sociedade *Amigos de Alberto Tôrres*, no Rio de Janeiro:

[...] Campinas de cinco anos atrás era um amontoado de casas ribeirinhas com população diminuta, sem iniciativa própria, sem fábricas, sem indústria e sem economia. [...].

Podemos afirmar que a antiga Prefeitura de Campinas expedia 1 alvará de licença para construir de dois em dois anos. Atualmente, a Prefeitura expede, em média, 10 por dia. Alvarás para a abertura de casas comerciais, 1 por ano. Atualmente, a Prefeitura expede 8 por dia. (BORGES, 1942, p. 62-63)

No mesmo local em que construiu o primeiro edifício em alvenaria, Oliveira Ney ergueu o Campinas Hotel e mais tarde o *Edifício Oliveira Ney*, com três pavimentos, todos na praça Joaquim Lúcio. Várias outras obras foram levadas a termo durante o tempo em que foi prefeito⁸, como atesta seu próprio relato:

Praça Joaquim Lúcio, inclusive o coreto, onde a banda do “Chico O” fazia retreta aos domingos. Grupo Escolar Pedro Ludovico – Depois Henrique Silva, Cadeia Pública, situada na Praça Cel. Joaquim Lúcio, onde se localiza hoje um prédio da Prefeitura Municipal de Goiânia. Avenida 24 de Outubro. Quando iniciei a construção, apareceram vários palpites, muitos queriam que a avenida fosse aberta na largura da Rua Couto Magalhães; conhecendo várias cidades importantes do País, achei necessário torná-la bastante ampla. Tanto assim, por que existia uma casa de uma velha, a Av. 24 de Outubro não é mais larga ainda, porque a prefeitura não tinha condições financeiras para pagar as desapropriações. Na época, tive diversas discussões até com parentes, mas no fim, foi aberta como eu desejava. (NEY, 1975, p. 58)

Com a transferência definitiva da capital para Goiânia em 1937, as transformações tornaram-se ainda mais sensíveis. A Avenida 24 de Outubro passou a configurar-se como a principal via e artéria de ligação com a nova capital. Era a mais importante avenida de Campinas. Ao mesmo tempo, caracterizava-se como um grande canteiro de obras, necessitando de infraestrutura. Ainda não existiam calçadas nem meio-fio. Os postes de energia elétrica e iluminação apareciam em um dos lados e no meio da pista. Ao longo da avenida, surgiam toscas edificações, verdadeiros casarões com telhados coloniais de quatro águas e telha francesa. Eram os primeiros estabelecimentos comerciais, postos de gasolina e residências. Até o final da década de 1930, esta configuração não sofreu maiores transformações, a não ser por alguns edifícios que começaram a imprimir um certo ar *déco* às fachadas.

A prefeitura de Goiânia e o próprio governo estadual, com orçamentos sempre exíguos, limitaram-se apenas a fazer o serviço de “encascalhamento” da pista de rolamento e a arborização da 24 de Outubro e da Praça Joaquim Lúcio, no início dos anos 40. A abertura da Avenida Amazonas se deu na administração do prefeito Venerando de Freitas Borges. Era a continuação natural da Avenida Anhanguera, a principal avenida projetada por Attílio Correia Lima para Goiânia no sentido leste-oeste, e que serviu de eixo de ligação entre Goiânia e Trindade, sendo que, posteriormente, a Avenida Amazonas também passou a ser chamada de Avenida Anhanguera. O “abaulamento” da sua pista data de 1938. Nessa época, as suas poucas edificações não se diferenciavam das construídas na 24 de Outubro.

Avenida 24 de outubro
no final da década de
1930, provavelmente
em 1939. Fonte:
Secretaria Municipal
de Planejamento.



⁸ Oliveira Ney foi vice-prefeito de Goiânia entre 1959 e 1961, tendo substituído o prefeito Jayme Câmara algumas vezes (SABINO JR., 1980, p. 143-144).



Ao lado:
Avenida
Amazonas (atual
Avenida
Anhanguera)
em 1938. Fonte:
IBGE.



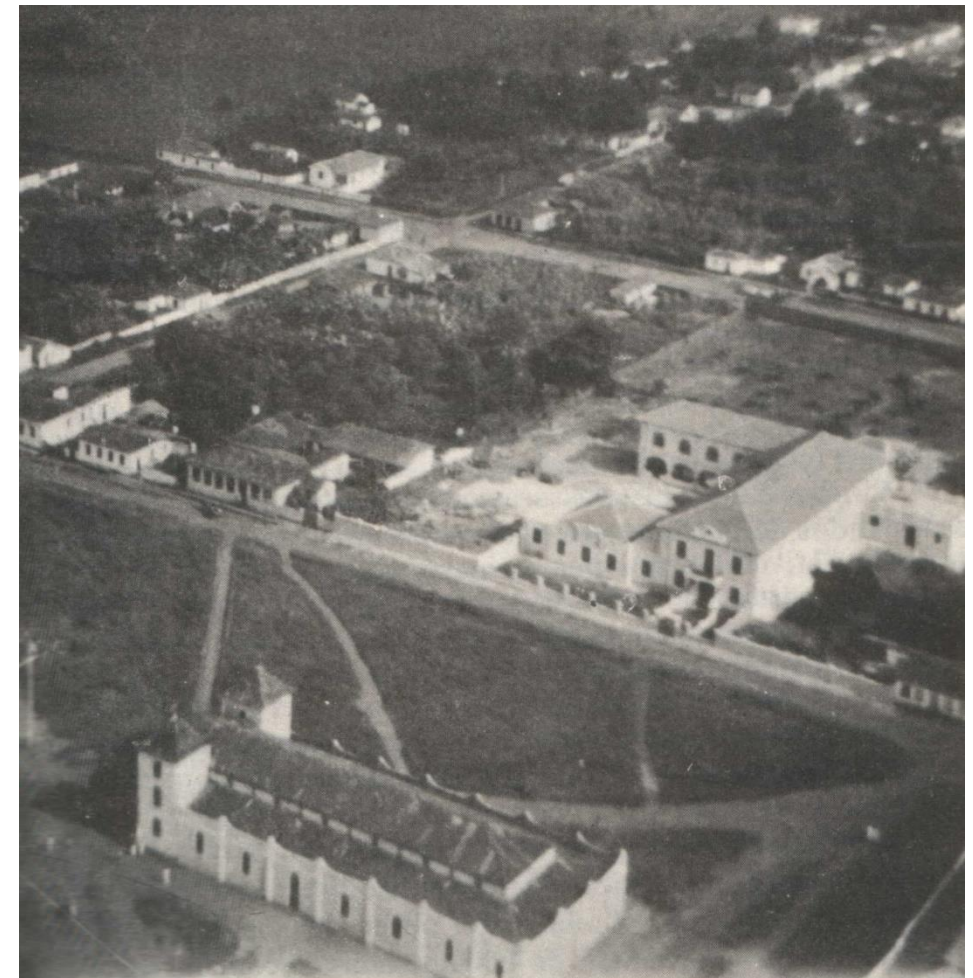
Abaixo: Avenida
24 de Outubro e
Praça Joaquim
Lúcio em
meados da
década de 1930.
Fonte: IBGE.

Algumas das primeiras repartições públicas do Estado abrigaram-se em Campinas, enquanto os edifícios da Praça Cívica, especialmente o da Secretaria Geral, estavam em construção. Em dezembro de 1935, a Diretoria Geral de Segurança Pública foi transferida para o primeiro andar do prédio da cadeia, na Praça Joaquim Lúcio. A Diretoria de Administração mudou-se para um edifício ao lado, em janeiro de 1936, e a Diretoria Geral do Serviço Sanitário ocupou um outro, na Praça da Matriz (MONTEIRO, 1938, p. 336, 342 e 344).

Até essa época, o ponto de maior importância de Campinas era exatamente a praça em frente à igreja matriz, com o seu relógio no frontão, tendo em frente o Colégio Santa Clara e ao lado o convento, onde atualmente funciona a Escola de Música Gustavo Ritter. Era ali que aconteciam os principais eventos e solenidades. A primeira igreja construída no local data do início do século XIX e nada mais era do que uma pequena capela. Desde 1857, os padres locais solicitavam ao governo da província um auxílio para a construção da *Matriz da Paróquia de Campinas*, conforme documentação de janeiro de 18589. Apesar de

⁹ Arquivo Histórico do Estado, caixa “Campinas” n. 01.

Antiga Igreja da
Matriz em 1936.
Ao lado, o
convento dos
padres
redentoristas,
atual Instituto
Gustav Ritter.
Fonte: *Secretaria
Municipal de
Planejamento*.



tal solicitação, foram os padres redentoristas que derrubaram a antiga capela e construíram uma igreja maior, a Matriz de Campinas, provavelmente no final do século XIX, haja vista que existem notícias de sua existência já em 1900¹⁰ (CAMPOS, 1985, p. 30).

Ao longo da década de 1930, o ponto de maior importância da antiga cidade deslocou-se da Praça da Matriz para a Praça Joaquim Lúcio. Foi lá que a vida social do bairro se intensificou. Era o local onde as pessoas se encontravam e onde eram realizadas as manifestações públicas. O *Correio Oficial* de 14 de abril de 1936, por exemplo, fez menção ao primeiro “cinema falado” de Goiânia, que ia ser “inaugurado, dentro de poucos dias” em Campinas, numa iniciativa de Belarmino Cruvinel, que trouxe de São Paulo o primeiro gerador de energia do bairro. O cinema localizava-se na Praça Joaquim Lúcio, o qual, através de um concurso público, amplamente divulgado pelo *Correio Oficial*, passou a se chamar *Cine Teatro Campinas*.

Além do cinema, a praça abrigava a cadeia pública, o jardim público, a residência do ex-prefeito Licardino de Oliveira Ney e o Palace Hotel. No local onde hoje se encontra o Hospital Santa Lúcia havia em 1937 a Agência Singer. Esse terreno, de

¹⁰ Essa igreja foi demolida para dar lugar à atual Igreja Matriz, construída no mesmo local, só que no sentido ortogonal à anterior, voltada para oeste, vislumbrando o pequeno vale do Córrego Cascavel.

propriedade de Oliveira Ney, foi vendido posteriormente, a preço irrisório, para o grupo de médicos recém formados que montou o hospital (NEY, 1975). O jornal *O Popular* de 12 de maio de 1938 relatou o surgimento de uma vida cultural até então desconhecida na região:

Um dos logradouros mais aprazíveis de Goiânia é, sem dúvida alguma, a praça Joaquim Lúcio, no bairro de Campinas. O bem cuidado jardim que se delineia em seu centro, além de emprestar-lhe um lindo e agradável aspecto, faz dessa praça um ponto predileto, procurado pela nossa sociedade.

Nela vai ter a avenida 24 de Outubro, a mais ampla e movimentada do bairro. Ali levanta-se ainda o Cine Teatro Campinas, que se impõe pela grandeza de suas linhas arquitetônicas.

Há, contudo, qualquer coisa contrastando com a beleza do lugar, pondo uma nota dissonante e anti-estética no conjunto harmônico. São diversos prédios, de estilo antiquado e que uma Capital, construída dentro das exigências urbanísticas, não comporta e não tolera.

Tais prédios acabam de ser condenados pela Prefeitura Municipal, que já determinou as primeiras demolições.

Entre os prédios a serem demolidos figura o Hotel Pouso Alto, antigo Hotel Duarte. Dentro de poucos meses estará a praça Joaquim Lúcio completamente remodelada. (O POPULAR, 1938)

A remodelação da praça já havia sido noticiada em 1937 pelo *Correio Oficial* de 21 de abril, que chamou a atenção para a contratação de Benedito Zupelli¹¹ para realizar o passeio do Jardim Público e da Avenida 24 de Outubro, num total de 6.000 metros quadrados. Mas, ao que tudo indica, tal reforma não terminou antes de 1939, conforme informação da Folha *de Goiaz* de 26 de novembro:

De há dias, o Jardim Público da Praça Joaquim Lúcio, em Campinas, está sendo reconstruído, demolidos o antigo coreto e os velhos canteiros.

A prefeitura Municipal mete mãos a uma obra de vulto, tal seja a de dotar o elegante bairro de um logradouro digno de sua população. (FOLHA DE GOIAZ, 1939)

O antigo coreto foi construído no início da década de 1930, por Licardino de Oliveira Ney, quando da abertura da praça. Tratava-se de um pequeno coreto com planta hexagonal e cobertura de telha de barro francesa, organizado em dois pavimentos. Na reformulação do Jardim Público, surgiu um novo coreto com planta octogonal, de marcada influência *déco*, além de um relógio no centro, substituindo o antigo relógio da igreja matriz, nesta época já demolida. Na década de 1960, o coreto também foi demolido, ficando em seu lugar apenas uma fonte e um espelho d'água.

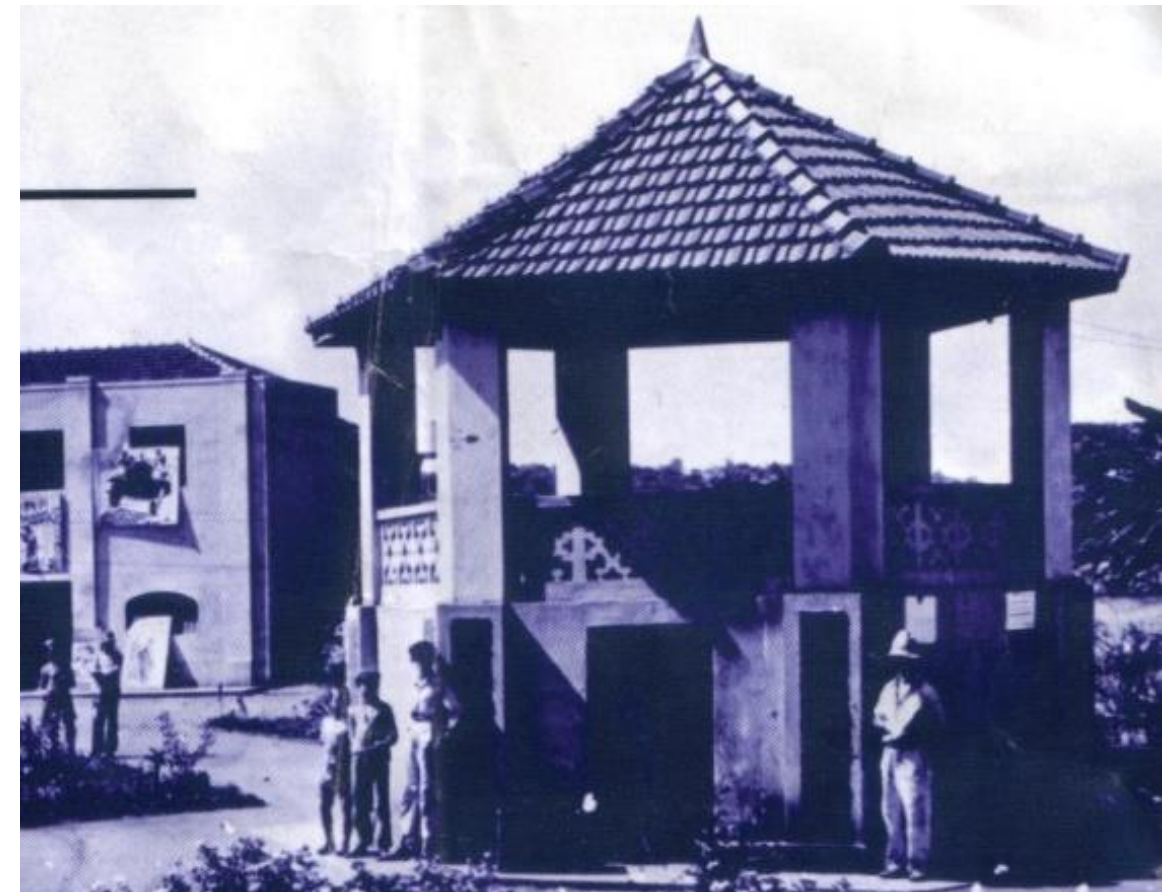
¹¹ Segundo a revista Goiânia 70. n. 1, Benedito Zupelli é natural de Ribeirão Preto, São Paulo, nascendo em 6 de janeiro de 1900 e vindo a falecer em janeiro de 1957, em Goiânia. Foi construtor

No início de 1943, a prefeitura de Goiânia continuava reformulando a praça. Alguns dos seus primeiros edifícios foram demolidos. A cadeia pública, que em muito se assemelhava a uma Casa de Câmara e Cadeia, foi um deles. No local, a prefeitura construiu um novo edifício, vinculado à nova linguagem formal *déco*. Um posto avançado de arrecadação municipal da prefeitura de Goiânia passou a funcionar no prédio recém construído. Era a tentativa de imprimir em Campinas um aspecto de aparente progresso e modernidade, sob a influência direta de Goiânia. A Folha *de Goiaz* de 28 de março de 1943 trouxe mais informações a respeito:

O povo de Campinas, que há pouco recebeu da administração municipal a reconstrução do jardim público da Praça Joaquim Lúcio, que conta hoje com nosso único relógio oficial, foi mimoseado com um excelente presente de ano-novo, traduzido pela demolição do antigo edifício da cadeia pública, chavasco e antigo, que era o pior detalhe arquitetônico daquela praça. [...].

Aproveitando a parte posterior do lote que dá para a avenida Baía, o prefeito mandou levantar um prédio apropriado, com as instalações mais modernas possíveis, o qual oferece todos os fatores de conforto e segurança, não só aos serventuários da polícia, como também aos detentos. (FOLHA DE GOIAZ, 1943)

Coreto na Praça Joaquim Lúcio no final da década de 1930. Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento.



e fabricante de mosaicos. Também foi um dos fundadores do Goiânia Esporte Clube, em 1938, juntamente com arquiteto José Amaral Neddermeyer, dentre outros.



Praça Joaquim Lúcio no início da década de 1940. Ao fundo o edifício da cadeia pública em dois pavimentos. Fonte: *Secretaria Municipal de Planejamento*.



Praça Joaquim Lúcio na década de 1960. Fonte: *Secretaria Municipal de Planejamento*.



Demolição da cadeia pública na Praça Joaquim Lúcio em 1943. Fonte: *IBGE*.

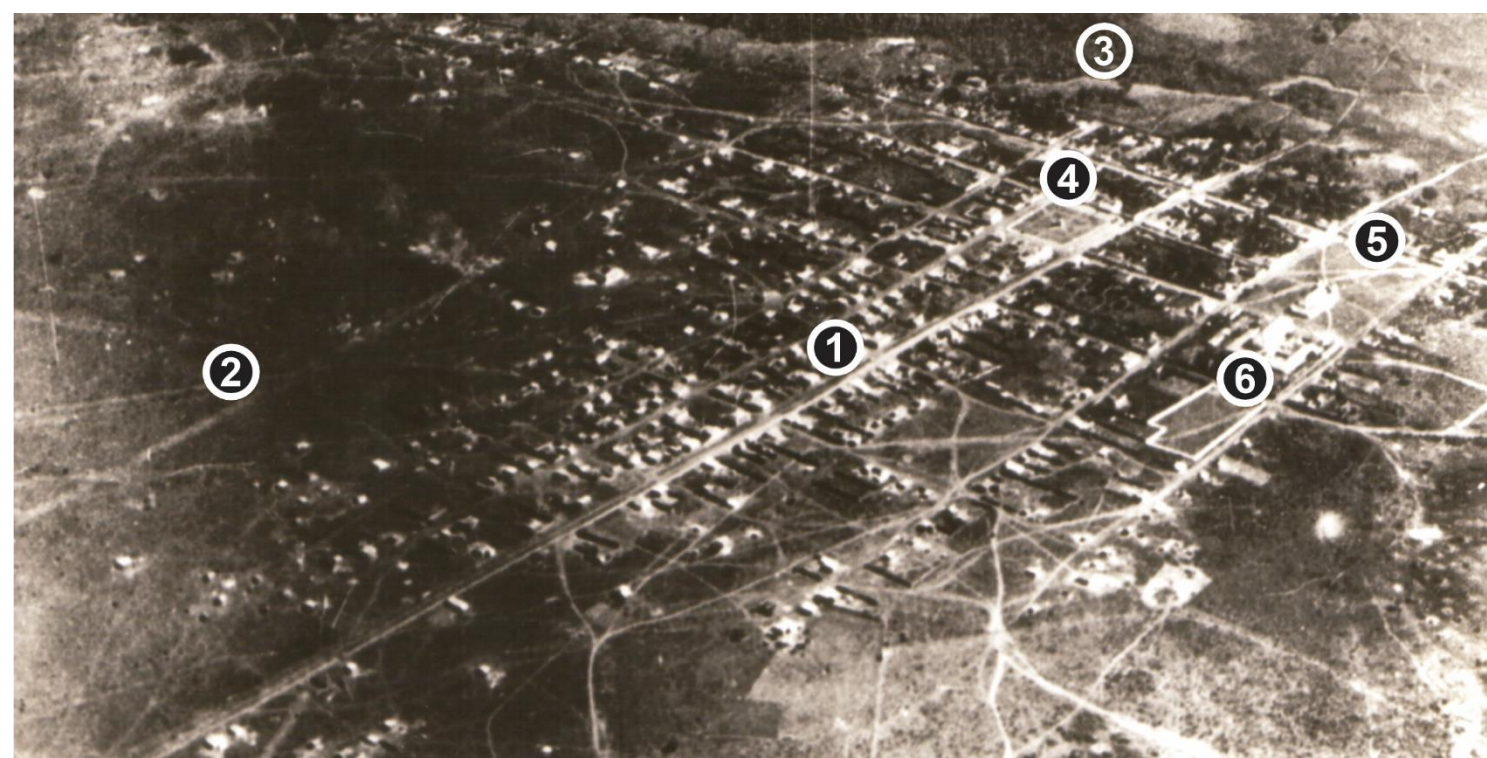


Construção de um novo edifício no local da antiga cadeia pública na Praça Joaquim Lúcio. Fonte: *IBGE*.

À medida que Goiânia se tornava uma realidade, a circulação de pessoas entre a capital e Campinas intensificava-se. O transporte era feito pelas “jardineiras” e o ponto final do percurso situava-se na Praça Joaquim Lúcio. Em 8 de junho de 1939, a *Folha de Goiás* noticiou a instalação de uma linha ligando Campinas a Goiânia, de propriedade do Sr. Fernando Ribas. Nos anos 40, a antiga cidade era o bairro mais adensado da nova capital. Por muito tempo, a Avenida 24 de Outubro foi o principal eixo viário e limite do bairro, assim como o Córrego Cascavel, com suas matas ciliares no final da 24 de Outubro, configurando-se como um dos poucos lugares de lazer de Campinas. Ao Leste, no final da Rua José Hermano, havia o cemitério, onde hoje existe a Praça João Rita Dias. Ao Sul, o limite era a Avenida Amazonas, praticamente desabitada na década de 1940. Com a chegada dos anos 50, esta conformação urbana começou a se modificar e Campinas se interligou paulatinamente a Goiânia.

O impulso de modernização que a construção de Goiânia trouxe já havia sido prenunciado pela chegada da ferrovia a Goiás. A fixação dos padres redentoristas também contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento de uma nova mentalidade cultural, acompanhada da chegada de jornais e revistas, do telégrafo, do telefone e principalmente do cinema. Evidentemente, estas inovações alcançaram também o campo da arquitetura. Os edifícios construídos em Campinas até então eram muito simples, lembrando as cidades coloniais, quase todos vinculados à tecnologia disponível. A antiga cidade incorporou rapidamente toda a atmosfera psicológica da construção de Goiânia, a começar pelos edifícios construídos entre o final dos anos 30 e os anos 40, como o Cine Teatro Campinas, o Palace Hotel e o novo coreto, na Praça Joaquim Lúcio, além da ampliação do Colégio Santa Clara na Praça da Matriz.

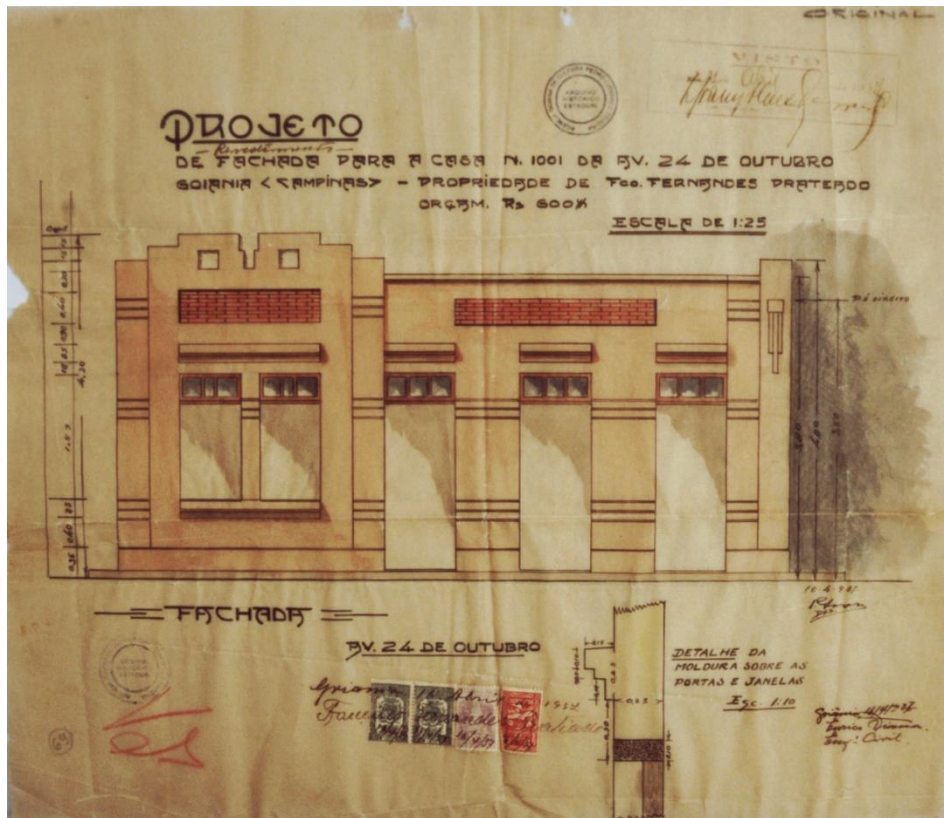
Vista aérea de Campinas, provavelmente no final da década de 1930. A Avenida 24 de Outubro (1) é a principal via da antiga cidade. Do lado esquerdo a Avenida Amazonas (2) (atual Avenida Anhangüera) é o limite natural, assim como o Córrego Cascavel ao fundo (3). É possível identificar a Praça Joaquim Lúcio (4), a Praça da Matriz (5) e o cemitério atrás do Colégio Santa Clara (6). Fonte: *Secretaria Municipal de Planejamento*.



Nesse sentido, cabe ressaltar que a ampliação do Colégio Santa Clara recebeu toda a influência da construção de Goiânia¹². O primeiro andar do colégio foi concluído entre 1932 e 1934. O segundo andar, entre 1940 e 1941. Finalmente, o terceiro andar foi construído entre 1960 e 1965, juntamente com uma reforma na fachada frontal, conferindo-lhe um aspecto déco semelhante aos prédios do centro da capital.

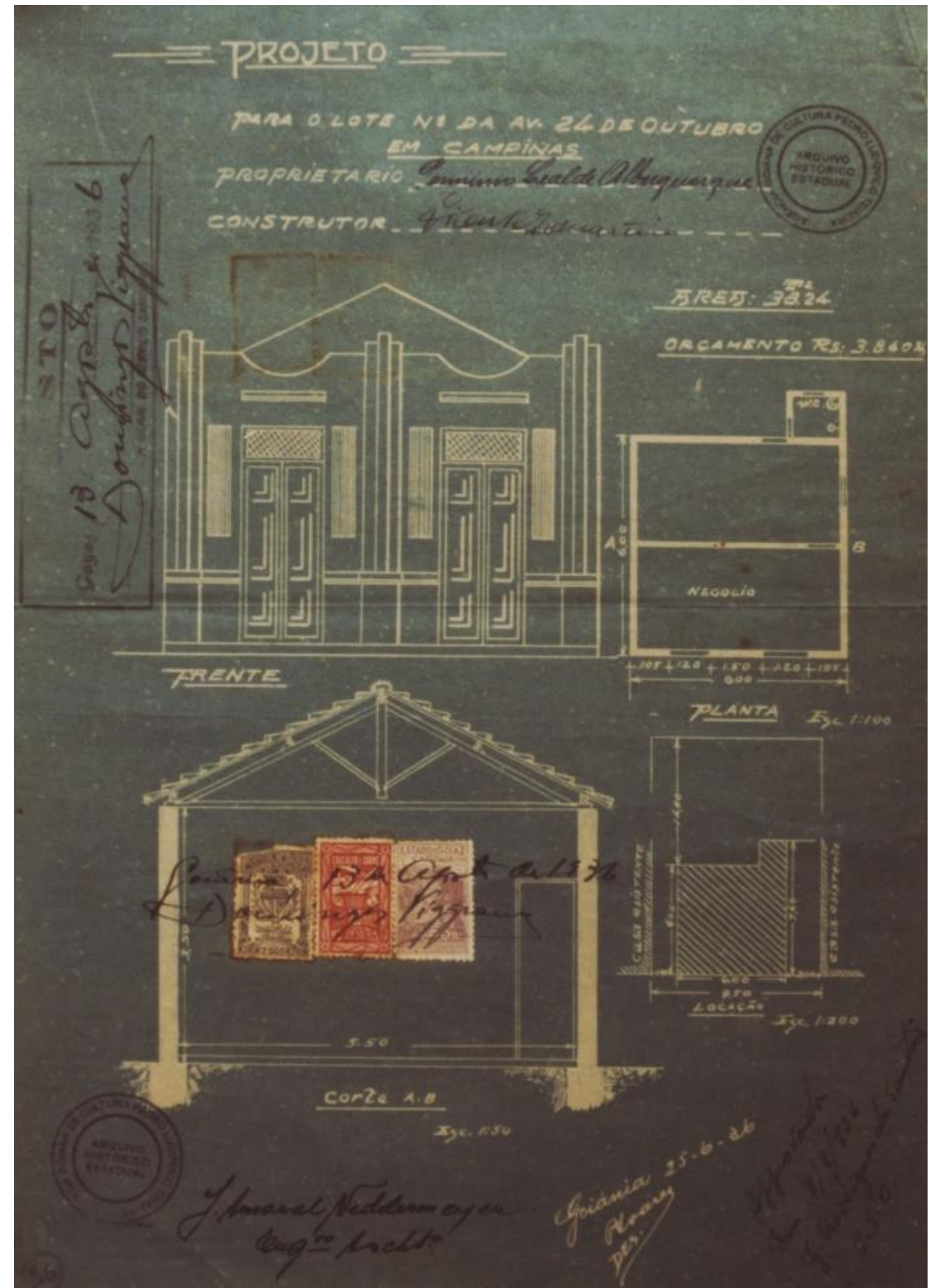
Atuação de engenheiros, arquitetos e desenhistas

Os engenheiros Geraldo Rodrigues dos Santos¹³ e Eurico Viana¹⁴, além do arquiteto José Neddermeyer¹⁵, foram os profissionais que mais projetaram no bairro nesse período. Como era de se esperar, a tipologia dos edifícios assemelhava-se aos da capital. A diferença estava na maior riqueza de detalhes construtivos das obras de Goiânia. A grande maioria dessas construções trazia uma modernidade da aparência, um certo tipo de fachadismo, haja vista que o processo construtivo pouco se alterou em função dos novos arranjos formais da fachada. Quando possuíam mais de um pavimento, eram construídas em alvenaria estrutural e laje de concreto armado. Mas geralmente eram



Edifício comercial para o Sr. Permínio Leal de Albuquerque, na Avenida 24 de Outubro. Projeto de José Neddermeyer, 1936. Fonte: Arquivo Histórico Estadual.

Modificação de fachada para a Casa nº 1001, na Avenida 24 de Outubro, pertencente ao Sr. Francisco Fernandes Praterdo. Projeto de Eurico Vianna, 1937. Fonte: Arquivo Histórico Estadual.



comerciais, principalmente em Campinas. Foi responsável pela construção da usina do Jaó e pela reforma na Praça Joaquim Lúcio, no final dos anos 40.

¹⁴ O engenheiro Eurico Viana nasceu em Coimbra (MG) em 1894. A convite de Pedro Ludovico, foi trabalhar em Rio Verde. Em 1934, já estava em Goiânia para fiscalizar os serviços técnicos das obras da capital. Nas décadas de 1930 e 1940, fez vários projetos residenciais e comerciais em Goiânia e Campinas. Foi responsável pela construção do Automóvel Club (onde hoje é o Jôquei Clube), Teatro Goiânia, Lago das Rosas, além do relógio e do coreto na Avenida Goiás. Foi prefeito de Goiânia entre 1947 e 1951.

¹⁵ O arquiteto José Amaral Neddermeyer nasceu em 1894, em São Paulo. Formou-se em 1918, no curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie. Chegou a Goiânia em 1936 como

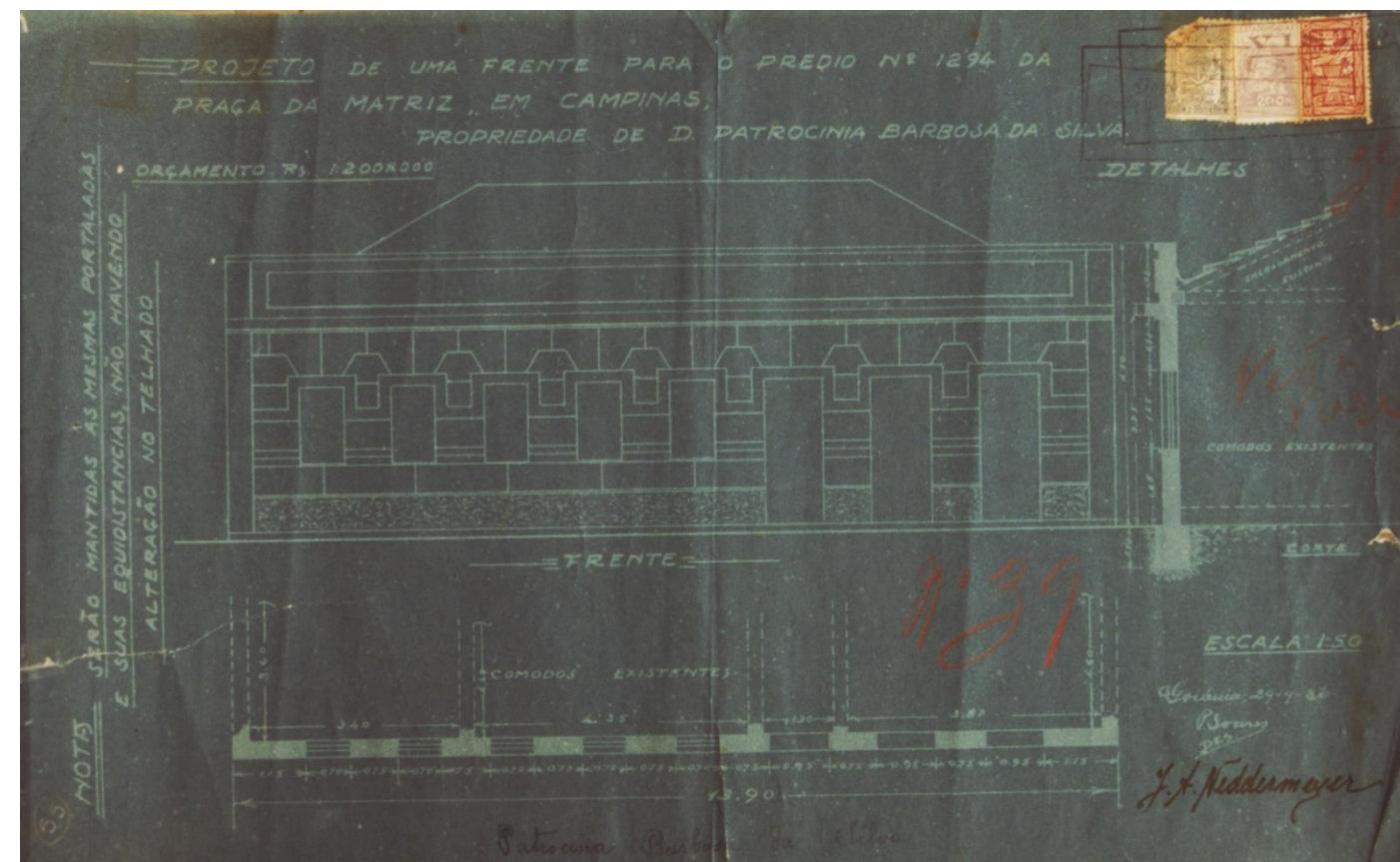
construções de um só pavimento em alvenaria estrutural sem laje e telhado de quatro águas com telha de barro, oculto por platibanda.

Aos poucos, os novos prédios comerciais da Avenida 24 de Outubro mudaram a aparência do local. A grande maioria dessas obras foi destruída ou completamente descaracterizada. Eram edifícios que dispunham de platibandas e de elementos decorativos na fachada, feitos com frisos e detalhes de argamassa, como, por exemplo, o edifício projetado por Eurico Viana, em 1937, para o Sr. Francisco Fernandes Praterdo, na 24 de Outubro nº 1.001; ou ainda a “Casa de negócios para o Sr. Permínio Leal de Albuquerque”, projetada em 1936 por Neddermeyer, e um outro projeto na 24 de Outubro esquina com a Rua Jaraguá, para o mesmo Permínio Leal de Albuquerque, em 1937, feito por Geraldo Rodrigues dos Santos¹⁶.

Em muitos casos, nas ruas adjacentes à 24 de Outubro, era comum encontrar um tipo de edifício misto: residência e comércio. Geralmente o comércio ocupava a frente do lote com a abertura de algumas portas comerciais e numa das laterais um pequeno alpendre marcava a entrada da residência, como é possível perceber no edifício projetado por Geraldo Rodrigues dos Santos na Avenida Bahia com a Santa Luzia, para o Sr. Arlindo Ignácio Ferreira, ou em outro, projetado pelo mesmo engenheiro, na Rua São Paulo com a Ipameri, para o Sr. Romão Ferreira Barbosa, em 1937. O telhado de quatro águas de telha de barro tipo francesa era praticamente escondido pela platibanda, o que conferia certa unidade ao conjunto, além dos detalhes e frisos na argamassa. Na verdade, a platibanda foi bastante utilizada nos edifícios comerciais, por se tratar de uma norma do Código de Obras provisório, regulamentado pela Portaria 67.

As residências de Campinas eram na sua esmagadora maioria construções térreas. O alpendre foi largamente utilizado, caracterizando a entrada das casas. Além de servir de proteção para o visitante, o alpendre era resquício da casa de fazenda do século XIX. O telhado de quatro águas muitas vezes foi disfarçado pelo emprego de frontão ou platibanda, assim como nos edifícios comerciais. O programa da casa era muito simples. Constituíam-se geralmente de alpendre, sala de visita, sala de jantar, dois ou três dormitórios, cozinha e banheiro, que eram quase sempre muito próximos, com o objetivo de racionalizar a parte hidráulica.

Alguns projetos destacavam-se pela singularidade do programa, como é o caso de um posto de gasolina projetado em 1937 por Geraldo Rodrigues dos Santos para o Sr. Felipe Alexandre, na Avenida 24 de Outubro em frente à Praça Joaquim Lúcio. Mesmo quando se tratava de um programa pequeno, o tratamento da fachada revelava o gosto decorativo. O projeto de uma “Garage para veículos”, na Rua Jaraguá, projetado por Geraldo Rodrigues dos Santos para o Sr. Carlos Marques, é um típico exemplo. Em muitos outros casos, o projeto resumia-se à reforma da fachada. Um dos melhores exemplos foi o projeto de Neddermeyer de uma “frente para o prédio nº 1294 da Praça da



Reforma na fachada do edifício nº 1294, na Praça da Matriz. Projeto de José Neddermeyer, 1936. Fonte: Arquivo Histórico Estadual.

Matriz”, em 1936, de propriedade de Patrocínia Barbosa da Silva, onde o arquiteto especificou: “serão mantidas as mesmas portaladas e suas equidistância, não havendo alteração no telhado”.

Uma história urbana de Goiânia, que tente compreender a construção do espaço urbano da cidade, abarca, necessariamente, uma construção da memória urbana. Mesmo sendo pequena a distância temporal que nos separa do objeto de estudo, as dificuldades de tal empreendimento são inerentes a uma cultura que privilegia o novo, destruindo hoje o que se construiu ontem, desvalorizando o passado, a começar pela precariedade em que se encontram muitos arquivos, dificultando a obtenção da documentação necessária para a pesquisa.

Sendo uma modernização de periferia, possui seu próprio sentido de coerência, em que tradição e ruptura, razão e ambiguidade, compõem a síntese de tentativa de qualquer explicação. Goiânia pode ser entendida como fruto de um projeto de adesão à modernidade. A modernização possível é a expressão que melhor caracteriza essa época, fruto de um pensamento intelectual sintonizado com os grandes centros do país e ao mesmo tempo consciente da realidade vivida na fronteira.

responsável pelas obras da Construtora Lar Nacional. Um ano depois, já trabalhava nas obras de Goiânia, como chefe de arquitetura na Superintendência Geral de Obras.

¹⁶ Todas essas plantas encontram-se no Arquivo Histórico do Estado.

Os projetos de modernização na *Campininha da Flores* durante as de 1930 e 1940 configuram os limites da modernidade urbana a ser alcançada, uma modernidade possível, enfim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Venerando de Freitas. “Goiânia”. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Goiânia*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1942.

BRESCIANI, Maria Stella. “Imagens de São Paulo: estética e cidadania”. In: FERREIRA, Antônio Celso; LUCA, Tânia Regina de; IOKOI, Zilda Gricoli. *Encontros com a história: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Editora UNESP/FAPESP/ANPUH/SP, 1999.

CAMPOS, Itaney Francisco. *Notícias históricas do bairro de Campinas*. Goiânia: Prefeitura de Goiânia, Assessoria Especial de Cultura, 1985.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *Goiânia: uma modernidade possível*. Brasília: Ministério da Integração Nacional / Universidade Federal de Goiás, 2002.

MENEZES, Amaury. *Da caverna ao museu: dicionário das artes plásticas em Goiás*. Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1998.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.

NEY, Licardino de Oliveira. *Um lutador*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1975.

SABINO JÚNIOR, Oscar. *Goiânia global*. Goiânia: Oriente, 1980.

REVISTA Goiânia 70. Arquivo Estadual de Goiás, 1970, p.11.





anos
tombamento
do acervo

DOSSIÊ
GOIÂNIA



anos
fundação
da cidade

REVISTA NÓS

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS
VOL. 08, Nº 1, 1º SEMESTRE DE 2023

ISSN 2448-1793

Laila Beatriz da Rocha Loddi Título:
Título: Grande Hotel I
Técnica: Dobradura sobre fotografia
Dimensões: 45x55x5 cm
Data: 2023